



O SENTIDO DA COMUNIDADE NO MUNDO VIRTUAL: UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DO JORNALISTA NO CONTEXTO DIGITAL

Luíza Giovancarli ¹

RESUMO: A partir dos conceitos de midiatização e mediação podemos pensar na atuação do jornalista, que enfrenta crises relacionadas ao seu papel na sociedade contemporânea e no mercado de trabalho, mas também pode se abrir para novas possibilidades com as redes digitais. Uma dessas possibilidades é o resgate do sentido comunitário para o mundo virtual, no qual novos formatos de comunicação popular, descentralizada e coletiva podem existir; e nas quais o jornalista pode assumir um papel de colaborador e articulador. Assim, o jornalista pode entender a comunicação como prática social e coletiva, mediada pela cultura e política dentro das redes digitais, reorganizando seu próprio papel dentro da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornal Comunitário. Rede Digital. Comunidade. Mediação. Midiatização.*

ABSTRACT: Based on the concepts of mediatization and mediation we can think of the role of the journalist, facing crises related to their role in contemporary society and in the labor market, but can also open up to new possibilities with digital networks . One such possibility is the recovery of the sense of community to the virtual world in which new possibilities for popular, decentralized and collective communication can exist; and in which the journalist can take on the role of developer and coordinator. Thus, the journalist can understand communication as a social practice and collective, mediated by culture and politics within the digital networks, reorganizing their own role within society

¹ Jornalista, mestranda em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH-USP e participante do jornal comunitário “Jornal da Várzea”. E-mail: luizagiovan@usp.br

KEYWORDS: *Communitarian Journalism. Digital Network. Community. Mediatization. Mediation.*

Introdução

Há relevantes discussões sobre a importância da comunicação comunitária em um período em que o jornalismo era uma ferramenta de educação popular e conscientização política, mais precisamente nos anos 1980, o que é apontado por FESTA e SILVA, 1986; PERUZZO, 2004; CALLADO e ESTRADA, 1985. Como demonstra Festa, a respeito de uma conjuntura pós-ditadura militar no país:

O Brasil inscreve-se entre os países em que todos os processos de comunicação – de massa, alternativa e popular – mais se desenvolveram nos últimos anos como resultado do próprio desenvolvimento do capitalismo que, ao instalar-se com inovadas formas de acumulação, acirrou os conflitos e as contradições entre os interesses de classe (FESTA, 1986:10).

É importante neste ponto frisar que o que entendemos por jornalismo comunitário é a perspectiva apontada por Dorneles:

Há significativa bibliografia no Brasil e na América Latina sobre Comunicação Comunitária, também chamada de Comunicação Popular, Comunicação Alternativa, Comunicação Participativa, Mídia Comunitária, etc. Estes termos, conceitualmente, confundem-se e não apresentam consenso entre os teóricos. Todavia, a forma mais objetiva de se definir “comunicação comunitária”, que englobaria os outros conceitos, é dizendo que se trata de um tipo de comunicação feita pelo povo e para o povo, com a participação do povo na produção das mensagens (DORNELES, 2006:371).

Há também reflexões sobre o quase desaparecimento do jornalismo comunitário na atual conjuntura, o que é muitas vezes relacionado ao fato de que com a abertura democrática no Brasil e a entrada de movimentos sociais nas esferas do governo, algo que se concretizou a partir da Constituição de 1988, ficou cada vez mais desnecessário o jornalismo comunitário como instrumento de conscientização política. No entanto, há alguns pontos que são necessários evidenciar para uma compreensão mais a fundo das dificuldades do jornalismo comunitário na atualidade. Apesar das mudanças conjunturais, as redes digitais mostram um período de efervescência de debates sobre assuntos relacionados à política. Não seria exagero dizer que as redes têm contribuído para impulsionar movimentos sociais reivindicatórios em diversos países. No Brasil,

vemos ações, que apesar de localizadas no território, tiveram as redes como impulsionadoras e espaços de divulgação e debates, como as manifestações pela redução das passagens de ônibus e metrô em junho de 2013, em São Paulo e mais recentemente as ocupações nas escolas do estado, por conta da proposta de reorganização do governador Geraldo Alckimin. As redes nesse sentido são um novo espaço de criar e recriar conteúdos, onde há novos sujeitos se identificando com tais processos. No entanto, vale apontar a reflexão crítica de Sodré a respeito do que ele chamou de “tecnofilia acrítica”.

O campo acadêmico da comunicação é atravessado por essa ideologia da competência, estimulada, particularmente no caso brasileiro, pela emergência de uma tecnofiliaacrítica, tendente a depositar nas tecnologias do digital velhas esperanças de redenção e inclusão sociais (SODRÉ, 2014:100).

Fuchs também aponta outros cuidados que se deve ter ao analisar a questão das redes digitais:

Assim, no nível de valor de uso, o Facebook é sem dúvidas um meio social que nos ajuda a nos comunicar com outros. Porém, por trás desse caráter social, se esconde o insociável, a lógica particular da propriedade privada e da mercadoria: dados pessoais são transformados em commodity e vendidos para anunciantes. Google e Facebook são as maiores anunciantes do mundo e, de fato, ambas são companhias muito lucrativas (FUCHS, 2014:70).

Tomados os cuidados necessários, é importante observar as possibilidades surgidas com as redes digitais que expandem a capacidade de articulação das ações no território. Nesse sentido, é possível dizer que jornalismo comunitário poderia reencontrar seu espaço se inserindo nas novas dinâmicas comunicativas oferecidas pelas redes digitais.

No entanto, este é um processo que envolve, entre outros fatores, a disposição do jornalista, que pode ter um papel importante de canalizar e organizar iniciativas de comunicação popular, cooperativas, coletivos entre outros grupos que se interessem em atuar na área. Ocorre que o jornalista, no cenário da digitalização também está tentando encontrar seu papel, em um cenário onde a própria profissão está sendo reinventada e sua atividade profissional sendo recriada na sociedade.

Este artigo pretende na primeira parte trazer uma reflexão sobre as possibilidades de resgate do sentido comunitário a partir das redes digitais e qual a sua

atualidade na sociedade contemporânea. Na segunda parte, traz uma reflexão sobre a crise do papel do jornalista e as novas possibilidades como mediador na organização de experiências de comunicação. Ao mesmo tempo pretende fazer uma reflexão sobre a midiatização, cenário no qual o jornalista é ator diretamente envolvido, mas não sabe o que fazer diante de todas as mudanças. Ele não é mais o único a fazer notícia. Com isso o objetivo é encarar os desafios e possibilidades de sentido para o jornalista dentro das redes digitais.

Neste sentido, dois conceitos podem ser utilizados de acordo com os objetivos propostos. Trata-se dos conceitos mediação e midiatização. Como apontado por dois dos principais pensadores da midiatização HAPP e HJARVARD, os dois conceitos não são mutuamente excludentes. Ao contrário:

Nosso entendimento da “midiatização” pode, em certos pontos, compartilhar um terreno comum com a noção de “mediação” de Martín-Barbero (1993), uma vez que esta desloca o foco da mídia individual (como os jornais) para o papel da mídia na interação social e mudança cultural. A teoria de midiatização, entretanto, aponta para um importante desenvolvimento adicional, mais especificamente que as mídias, como estruturas, ou seja, práticas institucionalizadas, conseguiram impulso próprio, o que cada vez mais influencia outras esferas sociais (HJARVARD, 2014:26).

Assim também aponta SODRÉ (2014:106-107), ao afirmar que “midiatização e mediação: não se tratam de noções separadas nem excludentes uma da outra”. Para ele, “midiatização é um conceito descritivo de um processo de mudanças qualitativas em termo de configuração social por efeito da articulação da tecnologia eletrônica com a vida humana” (SODRÉ: 2014: 109). Enquanto:

O conceito de mediação – de origem hegeliana, introduzido nas análises culturalistas da mídia por críticos ingleses como Raymond Williams e difundido na América do Sul por Jesús Martín-Barbero com a perspectiva teórica de uma recepção ativa por parte de grupos diferenciados – dá margem a expectativas quanto a um bom uso social da mídia (o uso praxiológico, em que a mídia se tornaria instrumento do poder popular) (SODRÉ, 2014:73).

Desta forma, a proposta do presente artigo é que as reflexões para o estudo do jornalismo comunitário se deem de acordo com a perspectiva da mediação, no que tange à participação dos indivíduos e comunidades em relação à produção comunicativa e quais são os potenciais usos das ferramentas; e com a perspectiva da midiatização para

aprofundar na reflexão sobre as alterações sociais ocasionadas com a digitalização, bem como o papel do jornalista neste contexto, apontando as crises e possibilidades que surgem neste cenário. Para entender o uso de tais perspectivas é importante destacar os limites da discussão que envolvem os dois conceitos. Como explica Hjarvard:

A midiatização diz respeito às transformações estruturais de *longa duração* na relação entre a mídia e outras esferas sociais. Em contraste à *mediação*, que lida com o uso da mídia para práticas comunicativas específicas em interação situada, a *midiatização* preocupa-se com os padrões em transformação de interações sociais e relações entre os vários atores sociais, incluindo os indivíduos e as organizações. Desta perspectiva, a midiatização envolve a institucionalização de novos padrões de interações e relações sociais entre os atores, incluindo a institucionalização de novos padrões de comunicação mediada (HJARVARD, 2014:24).

Sentido comunitário nas redes digitais

Para Heller, autora que traz definições importantes sobre a comunidade e a politização do cotidiano, não há a possibilidade de pensar no futuro da humanidade como uma integração total convertida em comunidade, mas é possível pensar em uma sociedade formada por comunidades orgânicas dentro dela. Para ela, “a vinculação do indivíduo com a sociedade coincide com a vinculação do indivíduo com a comunidade quando a mais alta integração social assume ela mesma um caráter comunitário”. (HELLER, 2004: 65)

A partir do “*fin de siècle*”, o desespero substitui a segurança: o indivíduo experimenta agora a falta de comunidade como solidão, como infelicidade. Isso reflete subjetivamente o fato de que chegou ao fim o desenvolvimento da individualidade na sociedade burguesa, inclusive para os indivíduos representativos. Paralelamente a isso, desenvolvem-se – com crescente intensidade – os movimentos operários; e os intelectuais que aderem a tais movimentos voltam a encontrar nas comunidades que eles formam o sentido de suas vidas (HELLER, 2004:77).

Atentando para essas questões, é preciso incentivar e colocar o jornalismo comunitário em debate como uma prática comunitária, que contribua no processo de construção de uma consciência crítica em relação ao cotidiano e para além dele. Apesar

de essas características não estarem sendo desenvolvidas², são essenciais na construção de novas formas de experiência social com valores comunitários:

As comunidades continuam a se caracterizar pela existência de um modo de relacionamento baseado na coesão, convergência de objetivos e de visão de mundo, interação, sentimento de pertença, participação ativa, compartilhamento de identidades culturais, corresponsabilidade e caráter cooperativo. As próprias comunidades virtuais que surgem com o advento das novas tecnologias da comunicação, no final do século XX, demonstram a necessidade de atualização dos conceitos originais e, ao mesmo tempo, reforçam a necessidade da presença de laços de comunhão, como os acima referidos (PERUZZO, 2006:14).

Manzini-Covre (1995: 73), afirma que é preciso trazer as coisas até o visível político, para que o cotidiano se transforme. Moretzsohn também aponta que o próprio cotidiano traz elementos que podem impulsionar resistência a uma forma de vida individualizada:

É claro que o pensamento viaja frequentemente para as esferas que reproduzem preocupações banais do cotidiano, relativas à sobrevivência imediata, mas pode expressar uma inconformidade com essa “ordem natural das coisas”, voltando-se para a evasão, mas também para indagações de caráter menos imediato, que procurem um sentido para uma existência assim objetivada e comecem a questionar sobre a possibilidade de uma vida diferente (MORETZSOHN, 2007:59).

Da mesma forma como foi um instrumento de organização nas décadas de 1970 e 1980, o jornalismo comunitário poderia ser resgatado na atual conjuntura, com o objetivo de canalizar experiências que vêm tomando espaço nas redes e contribuir para que iniciativas individualizadas possam ter um sentido coletivo. É um desafio que deve ser considerado, ainda que sejam necessárias mudanças estruturais para usos democráticos das mídias. Como afirma Couldry:

In that sense, digital storytelling contributes to a wider democratization of media resources and possibly to the conditions of democracy itself. The

² Em um prévio levantamento realizado pela presente autora para sua pesquisa de mestrado foram encontrados na zona leste apenas 4 jornais comunitários para 25 jornais de bairro (como aponta DORNELES (2012, p. 169), “é aquele que pertence a uma empresa jornalística, que visa lucro, portanto, tem interesses mercadológicos, comercializa espaço publicitário, dá cobertura aos acontecimentos locais, com a abordagem de assuntos diretamente sintonizados com a realidade local, que em geral não têm espaço na grande mídia”).

realization of that hope depends on many other types of transformation too, not least the addressing of what elsewhere I have called the crisis of ‘voice’ in neoliberal democracies (Couldry, 2008), which in turn will require major shifts in the political and economic landscape (COULDRY, 2008:386).

O papel do jornalista: crise no mundo midiaticizado

Diversos teóricos têm utilizado o conceito de midiaticização para compreender as alterações na sociedade contemporânea a partir de uma maior inserção do digital em todas as atividades sociais e econômicas. De acordo com Couldry e Hepp (2013 apud GROHMANN; MAURO, 2015): “Midiaticização reflete como as consequências globais de múltiplos processos de mediação têm mudado com a emergência de diferentes tipos de mídia.” (Ibid.: 197).

O termo está sendo utilizado nas pesquisas em comunicação para abranger as transformações sociais que vêm ocorrendo devido à crescente presença midiática na sociedade. De um modo amplo, “[...] midiaticização é um conceito usado para analisar criticamente a inter-relação entre mudanças na mídia e comunicações por um lado, e mudanças na cultura e sociedade, por outro”(COULDRY; HEPP, 2013:197 apud GROHMANN; MAURO, 2015).

Para Hjarvard (2014: 25), “a midiaticização não concerne à *colonização* definitiva pela mídia de outros campos, mas diz respeito, ao invés disso, à crescente interdependência da interação entre mídia, cultura e sociedade”.

As instituições oferecem estabilidade e previsibilidade ao longo do tempo e do espaço, também são estruturas dinâmicas que proporcionam às organizações e indivíduos recursos materiais e simbólicos para agir reflexiva e criativamente em circunstâncias variadas e, assim, possivelmente renovando as próprias instituições (HJARVARD, 2014:25).

A partir das colocações de Hjarvard, podemos pensar nas transformações geradas no próprio campo jornalístico a partir da midiaticização. Como aponta Carlos Scolari (2008 apud REIMBERG, 2015), a digitalização está modificando o contorno

laboral e os atores nele envolvidos. Figuras como o revisor tendem a desaparecer, novos perfis como o gestor de conteúdos ou media manager aparecem e profissões como a de jornalista estão sendo modificadas. “Ao jornalista, exigem-se o domínio de diferentes meios e linguagens, e eles assumem funções que antes eram desempenhadas por outros profissionais”. (SCOLARI, 2008,:206-207 apud REIMBERG, 2015).

Neste sentido, junto com as mudanças na atividade laboral surge a necessidade de repensar o campo também em termos epistemológicos.

O enraizamento das tecnologias digitais já está bastante evidente a ponto de ser discutível a separação de estudos e pesquisas em Comunicação em *on-line* e *off-line*; se o vetor digitalização é transversal a todo o campo da Comunicação (aqui levando em conta as lógicas da multiterritorialidade e da mestiçagem) há que se repensar a estrutura vigente das especialidades e das próprias denominações profissionais; a reconfiguração das noções de tempo/velocidade e espaço/local decorrentes das tecnologias digitais favorece a lógica da transversalidade na construção epistemológica na contemporaneidade; conseqüentemente, o rigor na escolha de teorias, modelos e metodologias tem sua complexidade ampliada por conta da profusão de conceitos e respectivas aplicações.(SAAD, 2015:8)

No entanto, ima observação importante de Sodré é a de que a profissão continua sendo necessária:

“Não para de crescer o número dos cursos de comunicação no Brasil e no resto do mundo, aparentemente não tanto por grandes expectativas profissionais, mas pelo reconhecimento implícito (mais sentido do que argumentado) da importância desse campo na vida contemporânea” (SODRÉ, 2014:93).

Neste ponto cabe a reflexão sobre o papel do jornalista na sociedade contemporânea. Faz-se ainda mais necessário seu envolvimento na construção de projetos e iniciativas de comunicação descentralizada, popular e mais independente, no sentido de que não apenas ele pode produzir conteúdo, uma vez que pode atuar como um mediador, um articulador a fomentar tais práticas. Essa pode ser uma forma de lidar com a crise que o trabalhador enfrenta na sociedade contemporânea.

Na pesquisa realizada por Reimberg (2015), com 21 jornalistas de diferentes gerações, observa-se que na atualidade com a precarização do trabalho do jornalista e com os cortes de pessoal nas empresas de comunicação, o profissional muitas vezes não consegue e não encontra condições para desenvolver um trabalho que dê sentido a ele.

A autora mostra que os jornalistas da geração de 60 a 69 anos tinham em comum o fato de terem trabalhado todos em grandes redações. Realidade que é bem diferente na atualidade, já que os jornalistas hoje atuam em assessorias de imprensa, mídia especializada, imprensa alternativa, comunicação pública, internet, entre outros. Apesar de um nível maior de precarização vivenciado pelos jornalistas e acentuado na década de 1990, os entrevistados de 30 a 39 anos “consideram que o jornalismo está em transformação e colocam o jornalismo em questão, mas não acreditam que seja o fim”. (REIMBERG, 2015: 70) Fora isso, os jornalistas com idade entre 20 e 29 anos afirmaram que o jornalismo tem um potencial para transformar a realidade. Alguns jornalistas também apontam a necessidade de rever seu papel na sociedade, já que hoje todos podem produzir e compartilhar informação a partir de um celular, por exemplo.

O papel do jornalista: possibilidades no mundo mediado

Como aponta Hjarvard (2014) há uma crescente virtualização das instituições. Isso significa que não só o papel do jornalista, mas todos os papéis sociais podem ser repensados a partir deste cenário. “As mídias digitais estão cada vez mais deslocando as práticas sociais de ambientes físicos, por exemplo, permitindo que várias formas de trabalho sejam conduzidas no lar e tornando possível realizar transações bancárias com um computador pessoal” (HJARVARD, 2014: 35)

176

Isso não faz com que o espaço físico ou o local não sejam importantes, já que a maioria das instituições ainda mantém uma localização física central como seu principal espaço de interação, como o lar (a família), a escola (educação), o parlamento (política) etc. Entretanto, significa que os locais físicos se entrelaçam com um espaço virtual, na medida em que se torna possível realizar mais e mais práticas fora da localização física. Em geral, essa dimensão virtual torna as instituições mais frágeis porque é mais difícil controlar o comportamento das pessoas envolvidas (HJARVARD, 2014:35).

Reimberg aponta que em sua pesquisa foi relatada pelos jornalistas a necessidade de se reinventar, montando cooperativas, coletivos, pequenos veículos de comunicação. A autora ainda conclui que “os jornalistas com menos de 45 anos se reconhecem como trabalhadores e questionam a organização de forma mais enfática do

que os com mais de 45 anos, provavelmente por vivenciarem ou terem vivenciado mais a precarização do trabalho” (Reimberg, 2015: 351).

Suportar esses sofrimentos e ter prazer no trabalho, apesar deles, tem muito a ver com o sentido que o trabalho tem para o jornalista e o grande espaço que ele ocupa em suas vidas. Acreditamos ser possível perceber uma identidade coletiva. As condições de trabalho são criticadas, como foi demonstrado nos capítulos anteriores, mas a visão idealizada da profissão é mantida, o que tem relação direta ao sentido que os jornalistas dão ao trabalho e ao significado que permeia o jornalismo. (REIMBERG, 2015:316)

Estes apontamentos são importantes, pois apontam que apesar de todas as modificações no mundo do trabalho hoje, que dificultam a organização dos trabalhadores e estimulam a competitividade destruindo saídas coletivas para transformações, o jornalista está refletindo sobre suas condições de trabalho. Além disso, o trabalho dá sentido à vida dele, muitas vezes se confundindo com a sua vida pessoal, dado o envolvimento que ele possui. Cabe, então, uma reflexão sobre o envolvimento do jornalista com a comunidade, seja ela territorial, digital ou ambas, e apontar que, apesar das dificuldades vividas com a precarização do trabalho, é possível que o jornalista encontre formas de dar sentido a seu trabalho construindo alternativas e fazendo parte de novas formas de se fazer comunicação, mais integradas coletivamente.

177

Trata-se de reconhecer que o jornalismo é algo intrinsecamente ligado à sociedade de massa. Emerge com ela e, como indústria cultural, a conforma. É inextinguível. Surge em circunstâncias históricas específicas, mas encontra sua vocação como forma de atender “a necessidade social da informação”. É para informar a sociedade, para retraduzir a realidade, para apresentar o mundo ao homem e situá-lo o quanto possível, para lhe oferecer alternativas, que o jornalismo surge e se desenvolve. Nas democracias de massas, marcadas pela expansão de direitos, o direito à informação constitui-se num direito “em si” e ao mesmo tempo é a porta de acesso a outros direitos. (GENTILLI, 2005:24)

Na visão de Alzira Abreu, o jornalismo deve ser entendido com um dos meios nos quais o jornalista pode preencher um papel de ativista político. A autora afirma que, em pesquisa realizada, um número significativo de jornalistas que trabalharam durante a década de 1950 escolheram a profissão com forma de engajamento e intervenção na vida social.

Observamos, através das respostas dadas durante as entrevistas, que existem muitas afinidades na visão dos jornalistas quanto a seu papel e sua responsabilidade social. A experiência comum vivida pelas gerações que tiveram que exercer sua atividade sob a censura dos meios de comunicação,

que viveram a oposição ao regime militar, a luta contra a repressão, as estratégias para driblar os censores, criaram laços de solidariedade entre muitos jornalistas. Entretanto, as transformações técnicas, econômicas e gerenciais que ocorreram durante o período de repressão exigiram um novo perfil profissional para os jornalistas e determinaram novas formas de perceber e praticar o jornalismo, principalmente entre as gerações mais jovens, que assumiram posições de direção nas redações nas últimas décadas. O que nossa pesquisa parece indicar é que os jornalistas que detêm atualmente posições estratégicas nas redações se mobilizam em torno da defesa dos excluídos, dos pobres, dos não cidadãos, e não mais dos movimentos ideológicos revolucionários que queriam mudar o mundo e se identificavam com o marxismo. (ABREU, 2003:36-37)

A partir de um maior envolvimento de jornalistas com as construções de práticas de comunicação popular é possível observar quais os formatos e possibilidades colocadas hoje, a partir das expectativas da população, levando em conta as transformações sociais ocasionadas pela digitalização. Isso abre um novo campo de pesquisa e atuação para o profissional.

Podemos constatar algumas iniciativas de jornalismo independente na rede, caso da Mídia Ninja, Jornalistas Livres, Ponte. No entanto, ainda precisa ser resgatado o papel do jornalista como parte de uma comunidade ampliada e mediada enquanto prática de um coletivo. Usamos mediação neste ponto, no sentido que Martín-Barbero(2009) vem reconceituando o termo, ou seja, como transformações do tempo e transformações do espaço a partir de migrações populacionais e fluxos de imagens (tecnológicas). Para o autor, estamos passando de uma cidade com entornos ligados às instituições para uma com entornos também tecnocomunicativos. Para ele, “pode-se continuar falando “das mediações aos meios”, mas mediação sempre foi outra coisa que tem muito mais relação com as dimensões simbólicas da construção do coletivo”(MARTÍN-BARBERO, 2008: 153). Nesse sentido, o jornalista precisa encontrar seu papel nessa “reconstrução do coletivo”. Para isso, precisa estar disposto a repensar seu papel como único produtor de conteúdo e enxergar novas possibilidades de construções coletivas e colaborativas de práticas comunicativas, o que tem sido potencializado com as redes digitais.

Para Martín-Barbero(1987) as transformações culturais não surgem através dos meios, ainda que estes sejam parte importante do processo. Podemos apontar, então, que os sujeitos são parte indispensável para ocasionar mudanças. Ainda que o autor venha

reorganizando sua teoria a partir das transformações da sociedade contemporânea, alguns dos pressupostos de seu livro “Dos meios às mediações” de 1987, podem ser atualizados para pensar a força que adquiriram as práticas culturais a partir do digital. Como o autor mesmo coloca: “o que eu queria pensar era a força social, cultural e política da vida cotidiana, da comunicação entre vizinhos, entre amigos do mesmo time de futebol, e também entre os governantes e os governados” (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Couldry aponta que o conceito de mediação permite entender como a incorporação de tecnologias de mídia tem consequências no âmbito do desenvolvimento de culturas nacionais.

We start to see here how the transformations underway around digital storytelling cannot be contained within a single logic of mediatization, since involved also are logics of use and social expectation that are evolving alongside digital narrative forms: we are closer here to the dialectic which Silverstone saw as at the heart of the mediation concept (COULDRY, 2008:383).

Martín-Barbero também traz novas reflexões atribuindo novos sentidos para uma teoria que leve em conta as práticas cotidianas aliadas às tecnologias comunicacionais:

Como assumir então a complexidade social e perceptiva que hoje reveste as tecnologias comunicacionais, seus modos transversais de presença na cotidianidade, desde o trabalho até o jogo, suas intrincadas formas de mediação tanto do conhecimento como da política, sem ceder ao realismo do inevitável produzido pela fascinação tecnológica, e sem deixar-se apanhar na cumplicidade discursiva da modernização neoliberal – racionalizadora do mercado como único princípio organizador da sociedade em seu conjunto – com o saber tecnológico, segundo o qual, esgotado o motor da luta de classes, a história teria encontrado seu substituto nos avatares da informação e comunicação?” Esta é a mudança, para mim. E isto é o que nos situaria no presente (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Desta forma, é possível utilizar o conceito de mediação para pensar na comunicação popular e nas novas formas de uso e sentido que o jornalista pode atribuir às práticas comunicativas na rede. Não apenas para construir novas “redações” que reproduzem os formatos de redação tradicional, mas para construir formas colaborativas

e plurais, tal qual os jornais comunitários das décadas de 1970 e 1980. Isso significa estar atento às novas vozes que têm surgido nas redes digitais.

The value of practice theory, as we have seen, is to ask open questions about what people are doing and how they categorize what they are doing, avoiding the disciplinary or other preconceptions that would automatically read their actions as, say, “consumption” or “being-an-audience”, whether or not that is how the actors see their actions. One possibility we need to be ready for—anticipated in the earlier quotation from Ien Ang (1996, 70)—is that, in many cases, “media consumption” or “audiencing” can only be understood as part of a practice that is not itself “about” media: what practice this is depends on who we are describing and when (COULDRY, 2004:125).

Considerações finais

As mudanças ocasionadas pela midiatização colocam, ao lado de novas perspectivas para o jornalista, algumas crises. Ao mesmo tempo em que as instituições cada vez mais se virtualizam e incorporam lógicas das mídias, o jornalista se vê inserido em um mercado de trabalho altamente competitivo e enfrenta demissões em massa no setor por conta dos enxugamentos nas empresas de comunicação. Além disso, ele tem seu papel questionado, pois não é mais sua exclusividade a produção de conteúdos. Ainda que não possamos deixar de mencionar o fato de que os meios de comunicação no Brasil encontram-se concentrados nas mãos de 11 famílias, segundo dados do Fundo Nacional pela Democratização da Comunicação (2015), as redes digitais têm aberto novas possibilidades de organização coletiva para jornalistas. Não esquecendo que as redes também enfrentam controle de grandes corporações como o Google e o Facebook, é preciso fazer uso de suas potencialidades também para abrir novas perspectivas de organização social, resgatando o sentido comunitário, presente de certa forma nas redes, para iniciativas coletivas e que reverberem para o território físico. Abre-se aí a possibilidade de que o jornalista reveja seu papel a partir das novas perspectivas oferecidas dentro das redes digitais.

O jornalista mantém um ideal de que sua profissão contribui para mudanças sociais e para a consolidação da democracia e por estes motivos a profissão dá sentido a vida dele. Cabe, então, pensar em novas formas colaborativas de comunicação, não

apenas novas redações fechadas nas redes, mas novos formatos que resgatem o papel do jornalismo comunitário tal qual existiu nos anos 1970 e 1980, ou seja, um instrumento de debate, canalização de movimentos e agrupamentos que discutem o cotidiano e a sociedade e que envolva outros sujeitos que não apenas os jornalistas. Longe de diminuir o trabalho do jornalista é uma forma de ressignificar a importância e atualidade de sua profissão para a sociedade e para a luta pela comunicação como direito de todos. Assim, o jornalista pode entender a comunicação como prática social e coletiva, mediada pela cultura e política dentro das redes digitais, reorganizando seu próprio papel dentro da sociedade midiaticizada.

Referências bibliográficas

ABREU, A. A. de. Jornalismo Cidadão. In: **Estudos Históricos**, nº 31. Rio de Janeiro, 2003.

CALLADO, A. A.; ESTRADA, M. I. D. **Como se faz um jornal comunitário**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.

CORRÊA, E. N. S. **Centralidade, transversalidade e resiliência**: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a epistemologia da Comunicação. Divisão Temática Ibercom Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação - XIV Congresso Internacional IBERCOM, na Universidade de São Paulo, de 29 de março a 02 de abril de 2015.

COULDRY, N. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. **New Media Society**. 2008; 10; 373.

_____. Theorising media as practica. **Social Semiotics**, v. 14. N. 2.

DORNELES, B. Imprensa “engajada” em movimentos comunitários. In: **Redes.com**, nº 3. Sevilla, 2006.

FESTA, R.; SILVA, E. L. (Orgs.) **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986

FUCHS, C. Atualidade de Marx para entender o trabalho na comunicação e na cultura. **Revista Epitico**, v. 17 nº 1, janeiro-abril 2015.

GENTILLI, V. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania. Estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação**. Porto Alegre, Edipucrs, 2005.

GROHMANN, R.; MAURO, R. O potencial teórico do conceito de mediação e os estudos sobre classes sociais na comunicação. **Revista Novos Olhares** - Vol.4 N.1. 246-257. 2015.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HEEP, A. As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”. **Revista MatriZes**, v. 8 – nº 1 jan/jun. 2014. São Paulo.

HJARVARD, S. Mediação: conceituando a mudança social e cultural. **Revista MatriZes**, v. 8 - nº 1 jan/jun. 2014. São Paulo.

MANZINI-COVRE, M. de L. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

_____. As formas mestiças da mídia. **Pesquisa FAPESP Online**, edição 163, p. 10-15, setembro 2009^a. Entrevista concedida a Mariluce Moura.

_____. Uma aventura epistemológica. **Revista MatriZes**, ano 2, nº2 1º sem. 2009. Entrevista concedida a Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

PERUZZO, C. M. K. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: **Núcleo de Pesquisa “Comunicação para Cidadania”**, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, INTERCOM/UnB, 6 a 9 de setembro de 2006.

_____. **Comunicação nos movimentos populares**: A participação na construção da cidadania. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

REIMBERG, C. O. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais**: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. Tese (doutorado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.